

Histórias, memórias e reminiscências: a Vila Operária em Maringá, no Paraná

Stories, memories and reminiscences: the Vila Operária in Maringá, in Paraná

Relatos, memorias y reminiscências: la Vila Operária en Maringá, en Paraná

*Aline Beatrís Skowronski da Silva, mestra em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: aline.skowronski@ifpr.edu.br*  <https://orcid.org/0000-0003-3276-5529>

*Gabriela Gimenes Manhoni, graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual de Maringá (UEM).
E-mail: gabimanhonil@gmail.com*  <https://orcid.org/0009-0009-9260-6862>

*Ricardo Dias Silva, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).
E-mail: rdsilva@uem.br*  <https://orcid.org/0000-0002-4756-7608>

Para citar este artigo: SILVA, A. B. S. da; MANHONI, G. G.; SILVA, R. D. Histórias, memórias e reminiscências: a Vila Operária em Maringá, no Paraná. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 25, n.1, p. 222-238, 2025.
DOI 10.5935/cadernosplos.v25n1p222-238

Submissão: 2024-03-31

Aceite: 2024-09-22



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

Resumo

Esta pesquisa aborda a relação entre memória, identidade e arquitetura, destacando a importância da memória como uma composição singular de reminiscências interpessoais, a qual desempenha uma função essencial na construção da identidade humana. A cidade, por meio de sua arquitetura, é apresentada como a base para o desenvolvimento das expressões culturais, históricas e identitárias, na qual diferentes tipos arquitetônicos refletem tradições, valores e crenças de um povo, influenciando sua identidade e seu senso de pertencimento. O artigo examina, em específico, o caso do bairro Vila Operária em Maringá, no Paraná, evidenciando sua arquitetura em madeira como uma reminiscência de um período pretérito da cidade, repleto de significados culturais e históricos, e analisa a materialidade como uma forma de fortalecimento da identidade coletiva e uma possível maneira de reconhecimento dos espaços como locais de memória. A estratégia de investigação contempla documentos, registros físicos e orais, fundamentais para a interpretação do fenômeno estudado.

Palavras-chave: Memória; Arquitetura e memória; Vila Operária.

Abstract

This research addresses the relationship between memory, identity, and architecture, highlighting the importance of memory as a unique composition of interpersonal reminiscences, which plays an essential role in the construction of human identity. The city, through architecture, is presented as the foundation for the development of cultural, historical, and identity expressions, where different architectural styles reflect traditions, values, and beliefs of a people, influencing their identity and sense of belonging. The article specifically examines the case of the Vila Operária neighborhood in Maringá, in Paraná, showcasing its wooden architecture as a remnant of the city's past – carrying deep cultural and historical meanings – and analyzes materiality as a way to strengthen collective identity and a potential means of recognizing spaces as sites of memory. The research strategy includes documents, physical and oral records, which are fundamental for the interpretation of the studied phenomenon.

Keywords: Memory; Architecture and memory; Vila Operária.

Resumen

Esta investigación aborda la relación entre memoria, identidad y arquitectura, destacando la importancia de la memoria como una composición singular de reminiscencias interpersonales, la cual desempeña una función esencial en la construcción de la identidad humana. La ciudad, a través de su arquitectura, se presenta como la base para el desarrollo de las expresiones culturales, históricas e identitarias, en las cuales diferentes tipos arquitectónicos reflejan tradiciones, valores y creencias de un pueblo, influyendo en su identidad y sentido de pertenencia. El artículo examina, específicamente, el caso del barrio Vila Operária en Maringá, en Paraná, destacando su arquitectura en madera como una reminiscencia de un período



pretérmino de la ciudad, lleno de significados culturales e históricos profundos, y analiza la materialidad como una forma de fortalecimiento de la identidad colectiva y una posible manera de reconocimiento de los espacios como lugares de memoria. La estrategia de investigación contempla documentos, registros físicos y orales, fundamentales para la interpretación del fenómeno estudiado.

Palabras clave: Memoria; Arquitectura y memoria; Vila Operária.

INTRODUÇÃO

As narrativas individuais moldam-se por meio de vivências pessoais, emoções e sensações evocadas ao longo da vida, como experiências que adquirem forma a partir da memória. Esta, uma composição singular de reminiscências interpessoais que desempenham um papel crucial na construção da identidade humana, considerada como determinante, portadora de heranças as quais dão condições e sentidos à nossa existência, é viva e dinâmica. Aliás, somos seres com histórias, moldamos nossa identidade por meio de uma fusão entre as experiências vividas no ambiente e as reflexões internas; dessa maneira, somos quem somos porque aprendemos e recordamos.

A arquitetura, como representação material de diferentes tempos, convida a cultivar a memória por meio das marcas que deixa na cidade e das relações que estabelece ao longo da história com diferentes grupos sociais. Compreender a relação entre a arquitetura e a sociedade é um caminho importante para a valorização dos bens materiais representantes de uma cultura que se transforma ao longo do tempo. Dessa maneira, propõe-se aqui uma análise da arquitetura que transcenda sua natureza meramente física, percebendo sua potência cultural, seu papel na história e na construção das identidades individuais e coletivas.

Os espaços, e sua interação com os bens materiais, a sociedade e suas formas de vida, desempenham um papel fundamental na evolução e no funcionamento do corpo comunitário, pois podem consolidar “locais de memória”, lugares particularmente ligados às lembranças. A possibilidade de se conectarem de maneira direta e objetiva às tradições – ou valores individuais e coletivos – é, irrevogavelmente, uma realidade, não obstante seja uma escolha e não uma obrigatoriedade. Contudo, diante das contínuas transformações urbanas, o membro de uma comunidade vê, inúmeras vezes, suas narrativas e vivências serem desvalorizadas e consideradas dispensáveis por conta da ruptura dos valores culturais, valores do passado, induzindo ao enfraquecimento dos laços sociais, da coesão cultural e unidade coletiva.

Ao apresentar o bairro Vila Operária, na cidade de Maringá, no Paraná, e suas reminiscências, materializadas em sua arquitetura de madeira, aspira-se a fortalecer um elo entre a memória e a história da cidade e do bairro. Desse modo, o objetivo do



trabalho, fruto de pesquisa em andamento, é refletir sobre a importância do registro físico e oral na atividade de recuperar e fortalecer a memória.

Por meio de diferentes maneiras de se promover o reconhecimento de um espaço como local de memória, a pesquisa aborda conceitos de memória e lugares de memória, a partir das contribuições de Pierre Nora (2012), e, numa perspectiva de associar a memória cultural como contribuição para esse campo do conhecimento já estabelecido por Nora, incorpora-se a reflexão de Aleida Assmann (2011), em um contexto que procura relacionar à identificação da arquitetura em madeira do bairro o suporte de memória para a região em discussão. John Ruskin (2008) faz refletir sobre a permanência, valorizando a moradia em sua estrutura física, simbólica e cultural, que permite cruzar o tempo acumulando sabedoria e camadas de uma sociedade.

O trabalho se desenvolveu utilizando registros físicos, como levantamentos *in loco*, consulta a documentos e registros iconográficos. Entre 2022 e 2024, realizaram-se 18 entrevistas com os moradores do bairro, os agentes intervenientes e os historiadores, com a intenção de compreender a trajetória pessoal, os marcos espaciais e temporais, as práticas cotidianas e a relação entre presente, passado e futuro da Vila Operária.

Por meio dos levantamentos propostos, pensa-se ser possível perceber nos espaços urbanos, pelas reminiscências da arquitetura em madeira, nos discursos e na observação do cotidiano dos lugares, valores que compõem uma identidade local por seu conjunto de elementos culturais. Essa abordagem amplia a percepção sobre a arquitetura em madeira como uma manifestação que compõe espaços de grande significado, reconhecidos na lembrança de seus usuários ainda hoje.

MEMÓRIA, ARQUITETURA E A HISTÓRIA DA VILA OPERÁRIA

Os elementos da história garantem uma descrição dos fatos e uma cronologia que dá suporte às histórias individuais e coletivas, constituindo referências na interpretação de espaços, manifestações e reminiscências no presente. Para Nora (1993), a história é o oposto da memória, pois atribui a esta uma característica de atualidade, viva e latente. Ela é manifestação de um grupo e, portanto, está conectada aos indivíduos e aos seus territórios, ao contrário da história, que tende à universalidade dos fatos. Compreende-se que a manifestação da memória a partir de um conjunto de indivíduos aproxima do presente subjetividades que entremeliam o passado.

A memória é uma interação entre processos conscientes e inconscientes, a qual deve ser entendida além de uma manifestação individual, mas também como um fenômeno construído coletivamente, sujeita a flutuações, transformações e mudanças ao ser expressa ou articulada. Para Nora (1993, p. 9):



[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações; é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.

Em consonância com a proposta de Assmann (2011, p. 137), de relativizar e reduzir a distância entre a abordagem histórica e da memória, recuperam-se os conceitos de memória habitada (funcional) e não habitada (cumulativa) como fontes complementares de uma construção historiográfica carregada de especificidades emergidas de grupos sociais, com forte apelo cultural, que a mantém como ponte entre passado e futuro. Aqui, elementos que não são encontrados na descrição histórica do bairro, como as edificações em madeira na Vila Operária em Maringá, podem ser resgatados por meio do entendimento da memória invocada pelas conversas, pelas imagens e histórias de vida, recolhidas em documentos e entrevistas.

A Vila Operária é um dos bairros de Maringá projetados pelo engenheiro Jorge de Macedo Vieira, em 1947, ao desenvolver um projeto urbano para toda a cidade. Localiza-se entre a Avenida Mauá, a Praça Rocha Pombo, a Praça Abilon Souza Naves e a Avenida Laguna, a leste do centro cívico da cidade e junto do Parque do Ingá. Sua ocupação a partir do plano piloto representa um território de 70 alqueires divididos em 70 quadras de diferentes tamanhos. Os lotes somaram 1.434 datas acrescidas dos espaços destinados à implantação das indústrias, após a Avenida Mauá.

A Vila está localizada em uma região que abrange uma considerável parte na área central do município atualmente e, diante disso, vem sofrendo grandes transformações em sua paisagem. Na década de 1950, ao traçarem o desenho inicial da cidade, separaram-na em algumas zonas, destinadas a públicos específicos. A Vila Operária foi designada, como seu nome diz, a abrigar os operários que trabalharam nas proximidades, como armazéns, serrarias e serviços comuns aos primeiros anos de desenvolvimento da cidade. A ocupação efetiva da Vila Operária só aconteceu após 1947, quando os primeiros compradores registrados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) adquiriram 309 lotes.

No espaço urbano, as camadas que hoje se permitem conhecer incentivam a retrilhar os caminhos que construíram o passado, e uma delas é, de fato, a memória. Nesse sentido, recuperar os conceitos de Ruskin (2008) ao atribuir à arquitetura um papel relevante na veiculação da memória, e como “defensora da pessoa e da humanidade”, abre um caminho para as diferentes manifestações culturais impregnadas na arquitetura, efetivamente encontradas no Sul do Brasil. Ruskin (2008) carrega de simbolismo a moradia. Em sua simplicidade e nas intenções de uso e apego de seus moradores, a casa carrega uma santidade



que percorre as gerações e precisa ser compreendida por meio desse poder simbólico. Ao valorizar a perenidade como característica que apazigua o homem, Ruskin (2008) espera que, na observação da moradia, apareçam os cuidados, os sentimentos de apego, a ação do tempo e as diferentes gerações que dela usufruem, pois, na ausência desses aspectos, o que se percebe é uma paisagem de elementos semelhantes, solitários, desgarrados do chão em que se implantam.

As casas de madeira na Vila Operária são descritas não apenas por sua materialidade, mas também pelas histórias que carregam. As relações que estabelecem com seus moradores e com a vizinhança organizam o espaço de maneira a repousar nas suas memórias. As edificações em madeira se conectam à história do bairro que tem nos edifícios e nas suas mudanças (de lugar, de materialidade) uma referência do correr do tempo. Como exemplo disso, destacam-se a Igreja São José e o Cine Horizonte, referências importantes até hoje por guardarem na história de seus filmes, nas formas de divulgação de seus eventos e na agenda cheia dos finais de semana o apego ao local e a construção de uma comunidade, apesar das mudanças pelas quais passaram.

Esse reconhecimento demonstra os valores e a ressonância dessas manifestações culturais do edifício no cotidiano dos habitantes do bairro. A arquitetura, quando inserida no contexto coletivo, tem o poder inconsciente de antecipar os próprios pensamentos para com ela, destacando-se e mantendo uma presença marcante no cotidiano (Abreu, 2007).

É no conjunto desses elementos que se identificam ou se evocam as memórias de histórias que, muitas vezes, não fazem parte da história cronológica oficial, mas remetem a grupos sociais, histórias particulares e vinculadas a um território específico. Para Nora (2012, p. 9), “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. De acordo com Rossi (2010, p. 23):

[...] o mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória. [...] Nos lugares da vida cotidiana, inúmeras imagens nos convidam a comportamentos, nos sugerem coisas, nos exortam aos deveres, nos convidam a fazer, nos impõem proibições, nos solicitam de diversas maneiras.

Nesse caso, o cotidiano se enobrece de sentido como, já discutido por Meneses (2006), ao atribuir à função do habitar e do trabalho uma fonte de cultura que não é alvo de valorização, pois não é parte do mercado e da economia. Isso reflete o papel excludente da cultura, em que cotidiano e habitar não são compatíveis por representarem uma condição de segmento separado da vida, sem funções consideradas “nobres”. De todo modo, quando se observam as ações cotidianas que se repetem incansavelmente, é possível identificar os lugares “em que



concretamente se instituem as relações sociais, em que as práticas sociais dão corpo e efeito aos interesses em jogo" (Meneses, 2006, p. 38).

OS LUGARES DE MEMÓRIA E SEUS SUJEITOS NA VILA OPERÁRIA

Tomando um caminho que pretende preservar memórias por meio do concreto, aproxima-se o olhar à Vila Operária e ao seu cotidiano, às suas representações e à sua comunidade. Desde o desenho do bairro, com uma grande praça que contém um centro esportivo e que marca sua centralidade, espacial e simbólica, até os eventos que aconteceram em pontos específicos como a igreja, o cinema e o campo de futebol, perpassando a tranquilidade das ruas e as relações de vizinhança, em seu conjunto, evidenciam-se os valores e a representatividade do bairro para seus moradores e, também, para a cidade de Maringá. No contexto de análise da cidade como um grande pano de fundo para reconhecer os problemas urbanos e as ações do planejamento, que incluem a construção de uma cultura dos não lugares, revelar a Vila Operária a partir de um olhar de perto¹ pode ser de grande impacto no embate entre memória e transformação.



Figura 1: Avenida Paissandu e vista atual com o campo do Brinco da Vila. Fonte: Elaborada pelos autores.

A Paissandu, importante avenida que cruza a Vila Operária no sentido leste-oeste, é fundamental para compreender os processos de transformação pelos quais o bairro vem passando, refletindo o avanço do centro em direção ao bairro. Aqui se destacam, ao mesmo tempo, as tipologias de edifícios com mais de 20 andares, fruto das mudanças na legislação urbana incentivadas pela proximidade

¹ Magnani (2002) aposta na perspectiva etnográfica para relativizar o discurso homogeneizador da globalização e seus efeitos sobre a cidade, apresentando meios de identificar particularidades, histórias e manifestações culturais que mantêm vivos determinados espaços dentro da cidade global.



ao Parque do Ingá e ao centro da cidade (a oeste), que resultam em uma rua ativa com comércio e serviços no térreo, e, no sentido leste, nas proximidades do Estádio Brinco da Vila, uma paisagem que se mantém perene, trazendo a lembrança de alguns anos atrás, de um bairro em movimento pelo esporte, pelo encontro nas ruas, pelos serviços e pelas conexões estabelecidas entre espaço e usuário (Figura 1).

Nesse sentido, a memória e seu reconhecimento nos elementos urbanos, nos significados do bairro, nos pontos de encontro como o Brinco da Vila, possibilitam discutir os espaços como lugares de memória. Na concepção de Nora (2012), os lugares de memória não são estáticos e encerrados em si mesmos, mas fornecem as camadas para despertar uma vontade de memória que irá trabalhar na conservação de elementos simbólicos e representativos de uma comunidade. Essas camadas são organizadas a partir das dimensões materiais, simbólicas e funcionais, sendo reveladas a partir de uma análise histórica que permite compreender ao mesmo tempo “os processos de produção social de memórias [...] e o seu papel na construção do conhecimento histórico e na consolidação das narrativas de caráter histórico” (Gonçalves, 2012, p. 34). De acordo com Nora (1997 *apud* Gonçalves, 2012, p. 34):

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história.

[...]

Lugar de memória, então: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer.

No campo do patrimônio cultural, no Brasil, o lugar de memória foi apropriadamente associado às possibilidades que surgiram a partir do Livro de Registro de Lugares, instituído a partir do Decreto nº 3.551/2000. Nele ficam inscritos, conforme relata Arévalo (2005, p. 7) a partir da leitura do decreto:

[...] mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”, o decreto ainda observa a finalidade desta inscrição: “A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.



Apesar de uma abordagem relevante para o trabalho aqui apresentado, ainda é preciso, segundo a autora, um avanço no entendimento das identidades locais e das pluralidades culturais, valorizando espaços que representem histórias que se constroem com seus moradores, reconhecidas e rememoradas a partir deles. Compreender sua relação com o habitante e o visitante é um caminho para se identificar a ampla dimensão do lugar de memória, que inclui seus aspectos físicos e funcionais, mas amplia-se à construção de uma memória reconhecida nos grupos sociais. Assim, o reconhecimento de seu simbolismo e sua potência como ativador do sentimento de pertencimento traz o passado para o presente e consolida as relações que são identificadas em relação ao grupo social ao qual está ligado. Sendo uma construção histórica, o lugar de memória é uma grande fonte de conhecimento e de construção da história (Arévalo, 2005; Assmann, 2011).

No espaço interior da Vila Operária, os lugares que receberam a arquitetura em madeira são referências para a história da cidade de madeira presente na paisagem dos anos 1950. Os registros dessa época somados aos levantamentos fotográficos atuais, bem como as observações de campo e as entrevistas realizadas com moradores do bairro, vêm demonstrando o papel que exerce esse pano de fundo de madeira no contexto de consolidação da história da Vila Operária. A permanência das edificações ao longo do tempo é símbolo do tempo de duração das coisas. Em contradição com o jugo da efemeridade, que carrega uma construção de madeira, sua presença em meio à cidade na segunda década do século XX. Sua força também se estende nas demais tipologias que se seguiram, ao reproduzir sua tectônica, sua localização no terreno e, ainda, permitir a moradia da família por todos esses anos.

Conforme o mapa organizado pelos autores, podem-se destacar os edifícios em madeira que foram levantados em 2014 e 2024 (Figura 2). O segundo quadrante apresenta características marcantes do bairro em suas edificações e nas ruas que o conformam. Diferentemente do primeiro quadrante, essa região preserva as alturas de um ou dois pavimentos, mais de uma casa ocupando o lote, relações de vizinhança e cuidados com o jardim, a calçada e a própria faixa de circulação de veículos. A vegetação compõe o cenário ainda antigo do bairro.





Figura 2: Mapa com destaque para o segundo quadrante da Vila Operária - em vermelho as edificações demolidas e em amarelo as que permanecem em 2025. Fonte: Elaborada pelos autores.

A Rua Neo Alves Martins (Figura 3), que se estende entre a Avenida Cidade de Leiria e a Avenida Laguna, destaca-se por abrigar as raras edificações em madeira ainda preservadas no bairro, em especial entre a Avenida Laguna e a Avenida Riachuelo. O recorte apresenta as edificações que permanecem na rua ainda hoje.

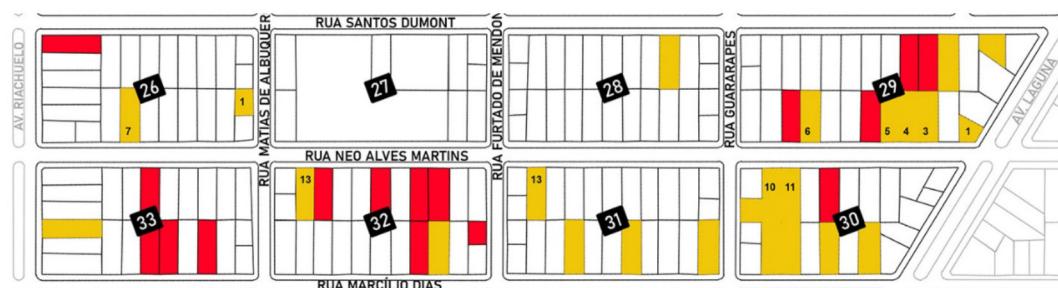


Figura 3: Rua Neo Alves Martins, edificações que permanecem. Fonte: Elaborada pelos autores com base no mapa da prefeitura.



Figura 4: Permanências localizadas na Rua Neo Alves Martins: A – quadra 26, lote 7; B – quadra 32, lote 13; C e D – quadra 30, lotes 10 e 11. Fonte: Elaborada pelos autores.

As edificações que permanecem (Figura 4) possuem características simples, mas envoltas de cuidado, e pertencem aos seus moradores desde a instalação. A edificação C pertence ao pai falecido da moradora atual, que a conserva e mora sozinha, alugando um outro espaço nos fundos do lote. A casa D também foi herdada, carece de cuidados e ainda não é percebida pelo atual morador como um patrimônio, uma referência da história de sua família. Algumas dessas moradias, no decorrer dos anos, vêm recebendo novas cores e guardam em suas camadas a madeira peroba-rosa que deu origem a elas.

Ao longo da Neo Alves Martins, é evidente a mudança na tipologia das edificações da rua conforme se percorre o trajeto em direção a oeste, em direção ao Parque do Ingá. A paisagem urbana passa gradualmente a ser dominada por edifícios de alvenaria, com sobrelojas permeando as ruas e construtoras adquirindo esquinas. Além das pressões do mercado, as mudanças refletem as transformações nas experiências das diferentes gerações, resultando na perda do contato e vínculo com a terra e o território onde elas estão inseridas (Figura 5).



Figura 5: Registro da Rua Neo Alves Martins em direção ao Parque do Ingá. Foto da esquerda: próximo à Avenida Laguna e à Rua Pombal; foto da direita: registro realizado próximo à Rua Henrique Dias. Fonte: Elaborada pelos autores.

Nos dias 12 de outubro e 16 de dezembro de 2023, nos períodos da manhã e tarde, ao percorrer a rua e observar a presença das residências em madeira e as atividades dos moradores no seu espaço de moradia e também na rua, ficou evidente a força do conjunto composto por arquitetura, cidade e habitante. As fachadas são desenhadas geralmente com duas janelas separadas por uma porta, quase como os olhos e o sorriso de um rosto humano, como se pudessem, de certa maneira, representar a identidade da Vila. As casas apresentam uma característica muito comum entre si: as varandas (Figura 6). Elas criam espaços, por meio dos mobiliários e das composições, para as pessoas se reunirem e desfrutarem do lazer, além de servirem como uma prolongação do interior da casa ao seu terreno – uma ligação de fora com o de dentro –, um simbolismo do íntimo da pessoa em contato com o coletivo.

Para Assmann (2011), reconhecer o simbólico em meio aos lugares é o que estimula o exercício da memória e pode reativar os laços entre gerações. Os espaços que se identificam entre a casa, o quintal, o jardim² são lugares significativos para a vivência e a construção de laços: “Nesses locais, amplia-se a memória do indivíduo na direção da memória da família; e aqui se cruza a esfera da vida do indivíduo com a dos que a integram, porém não estão mais ali”. (Assmann, 2011, p. 318).

² Correspondência entre Goethe e Schiller de 1905, utilizada por Assmann para reconhecer a força do simbolismo dos lugares em relação à memória.





Figura 6: Casa localizada na rua com o uso típico da varanda. Fonte: Elaborada pelos autores.

Por meio da observação *in loco* e das fotografias, foi possível notar o papel da materialidade e dos espaços da Vila na conservação de recordações individuais e coletivas, assim como na preservação, transmissão e promoção da história local. Observou-se, ainda, que esses elementos não apenas constituem o cenário urbano da cidade que no passado fora de madeira, mas representam toda a identidade visual e coletiva da Vila Operária. Nesse sentido, a materialidade entrelaçada com os espaços da Vila é a marca identitária de um corpo social que pode contribuir para o reconhecimento e fortalecimento dos espaços como lugares de memória.

Nas entrevistas realizadas, que aproximaram os agentes intervenientes, os moradores da Vila e os historiadores da cidade, emergiram falas significativas. Um exemplo é a entrevista com um dos sócios da construtora Plaenge, que mencionou a existência de três perfis de moradores da Vila Operária: 1. os pioneiros, descritos como aqueles que resistem à venda de suas casas devido ao valor emocional que o local possui; 2. a segunda geração, os filhos que logo se mudarão do lugar; e 3. os investidores, que optam por vender suas propriedades. Tais perfis refletem, de forma inconsciente, a disputa entre o que será preservado e o que será transformado na Vila. A história da Vila Operária, segundo o entrevistado, será incorporada às novas construções sobretudo por meio do *design paisagístico* e das espécies vegetais, e não necessariamente pela preservação de elementos construtivos em madeira que caracterizam o bairro, transferindo, assim, a materialidade do bairro para o campo das reminiscências.

Nas entrevistas com os moradores, ao refletirem sobre a evolução do bairro, eles expressam uma certa melancolia ao recordarem o passado, relembrando a convivência na comunidade que era intensa. Todos se conheciam. Uma frase marcante do seu Antônio foi: “Tem que preservar o brinco da Vila, aquilo lá é nosso, tem que preservar aquilo!”. Tal fala revela o profundo senso de pertencimento e carinho pelo local, acompanhada de um apelo para que não apenas o “brinco da

Vila" não se perca no tempo e na evolução do bairro, mas também toda a história e identidade da comunidade.

DISCUSSÕES

Os levantamentos realizados pretendem contribuir para o melhor entendimento da Vila Operária e de seu cotidiano. Quando se observam, nos projetos aprovados na prefeitura, os espaços da casa e sua relação com o terreno, bem como os espaços que se criaram na transição entre a rua e a casa, torna-se evidente a sensibilidade existente entre a arquitetura de madeira e a comunidade do bairro. Essa conexão é enriquecida por elementos simbólicos e culturais – a preservação da edificação e de seu entorno, o cuidado com o interior da casa e a manutenção do jardim com vegetação arbustiva e árvores de pequeno porte comuns à região – que contribuem para o reconhecimento social, além de promoverem a preservação da memória coletiva dos residentes, trazendo uma autenticidade e perenidade discutidas e defendidas por Ruskin (2008, p. 56)

As observações do cotidiano e os registros fotográficos, bem como o levantamento das edificações em momentos diferentes (espaçados uma década entre si), possibilitam perceber as mudanças no espaço da rua e os ambientes do bairro como um todo. Esses registros evidenciam as transformações sofridas pelo bairro, influenciadas pelo crescimento urbano. São exemplos importantes a reconfiguração dos espaços públicos, como o desaparecimento do Cinema Horizonte; as interações com áreas privadas, com o adensamento em áreas anteriormente pouco ocupadas; o papel dos espaços coletivos e as diferentes formas de apropriação e utilização por parte da população, o que é exemplificado pela mudança da função da praça da Igreja São José ao longo do tempo.

As poucas casas de madeira remanescentes na Vila Operária e os espaços públicos que resistem ao passar do tempo têm uma função relevante como preservadores da memória, ao servirem como elementos impregnados de história e ativadores de lembranças registradas nas conversas locais. Os tipos arquitetônicos, os modos de uso e as relações estabelecidas entre a cidade, o bairro e seus habitantes refletem tradições, valores e crenças que fortalecem o vínculo à Vila Operária.

A presença de elementos-chave nas edificações em madeira, como a varanda, e sua relação com a rua, pelo posicionamento frontal com proximidade da calçada, estabelecem uma condição especial para esse espaço. A rua se revela pelas edificações em madeira e por seus moradores, debruçados nos muros em conversas informais na vizinhança. Quando se percorre a Rua Neo Alves Martins, esses encontros são corriqueiros em sua porção a oeste. Seguindo em direção ao Parque do Ingá, com os arranha-céus que já se estabeleceram no bairro, a pessoalidade da rua perde seu caráter, servindo como ponto de passagem de moradores apressados em seus automóveis para acessar os subsolos com estacionamento.



Nesse contexto, a arquitetura de madeira tradicional da Vila Operária é estudada como um elemento sutil, porém significativo, presente em todo o histórico de progresso da cidade e nas particularidades vividas. A madeira, relacionada ao aspecto arquitetônico, passou a ser objeto de análise por seu potencial de rememorar um período importante da história da cidade de Maringá. Por isso, o ato de registrar os acontecimentos por meio de imagens, documentos, histórias contadas e entrevistas é essencial para a sociedade, já que isso concretiza no meio físico fragmentos da imaterialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo discutiu as relações entre a memória e a identidade e a importância de compreender a força da materialidade da arquitetura em madeira como algo além de uma estética construtiva. Essas reminiscências são protagonistas da vida cotidiana, essenciais para abraçar e fomentar o desenvolvimento coletivo ou pessoal. A arquitetura é formadora de impressões e relações interpessoais concretizadas na memória, ela é, assim, como uma extensão do ser humano. As edificações de madeira na Vila e os espaços públicos que resistem ao longo da história são guardiões da memória a partir do momento que servem como base para o exercício da cidadania.

Os conceitos de memória e dos locais de memória também abordados se refletem na apresentação da Vila Operária. Os dados observados – como os levantamentos fotográficos, os registros históricos, as entrevistas dos moradores e a vivência no local pelos pesquisadores – valorizam a abordagem a partir de múltiplas fontes que ampliam o reconhecimento e o entendimento sobre o espaço de modo mais próximo, trazendo para o debate os próprios usuários do local. As histórias não se tornam superficiais, mas se materializam na memória e nas reminiscências.

Esse conjunto de informações pode servir para o registro das lembranças individuais e coletivas sobre a Vila Operária. Ademais, é necessário valorizar na materialidade a potência dos significados como base para a memória e, assim, reconhecer, nos espaços e nos marcos, os lugares de memória do bairro e de sua comunidade. As documentações comprovam, cada uma à sua maneira, as diferentes percepções que um único local pode apresentar e a sua íntima relação com cada indivíduo.

Na Vila Operária, a presença da madeira evoca lembranças e cria espaços de profundo significado, que permanecem na memória dos moradores até os dias de hoje. Preservar essa arquitetura que diz respeito à incorporação das memórias e à identidade da comunidade é um grande desafio atualmente, visto que as mudanças da cidade são provenientes de uma dinâmica capitalista imobiliária em crescente “progresso” e adensamento. É essencial e vital preservar as histórias e memórias dessa comunidade pioneira no desenvolvimento de Maringá, representada por sua arquitetura de tábua e mata-junta, para garantir que os



valores individuais, coletivos e históricos perdurem ao longo do tempo e não se percam na trajetória da vida.

No entanto, o contexto de transformação da Vila Operária é urgente e avassalador. Percebe-se uma mudança na essência do bairro que se reflete nas mudanças de uso, de tipologias edilícias, de fluxos e de apropriação dos espaços. As reminiscências em madeira fazem lembrar um tempo mais lento, menos consumista e mais arraigado à terra, que logo tende a se diluir na nova paisagem. Registrar e consolidar memórias por meio do enfoque aqui proposto tem sido um caminho para resguardar parte de uma historiografia não oficial da cidade de Maringá.

AGRADECIMENTO

Agradecemos à Fundação Araucária a concessão de bolsa e o incentivo à pesquisa científica, fundamental para a realização deste artigo.

REFERÊNCIAS

ABREU, P. P. da S. M. de. Arquitectura: monumento e morada. *Artitextos*, Lisboa, n. 4, p. 11-20, Jun. 2007.

ARÉVALO, M. C. da M. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. *História Hoje*, São Paulo, v. 3, n. 7, 2005. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=7.

ASSMANN, A. Espaços da recordação. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

GONÇALVES, J. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. *Historiae*, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 27-46, 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3260>.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002>.

MENESES, U. B. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. [Debate]. Patrimônio: atualizando o debate, São Paulo: IPHAN, 2006.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. [s. l.], v. 10, 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 3 jul. 2023.

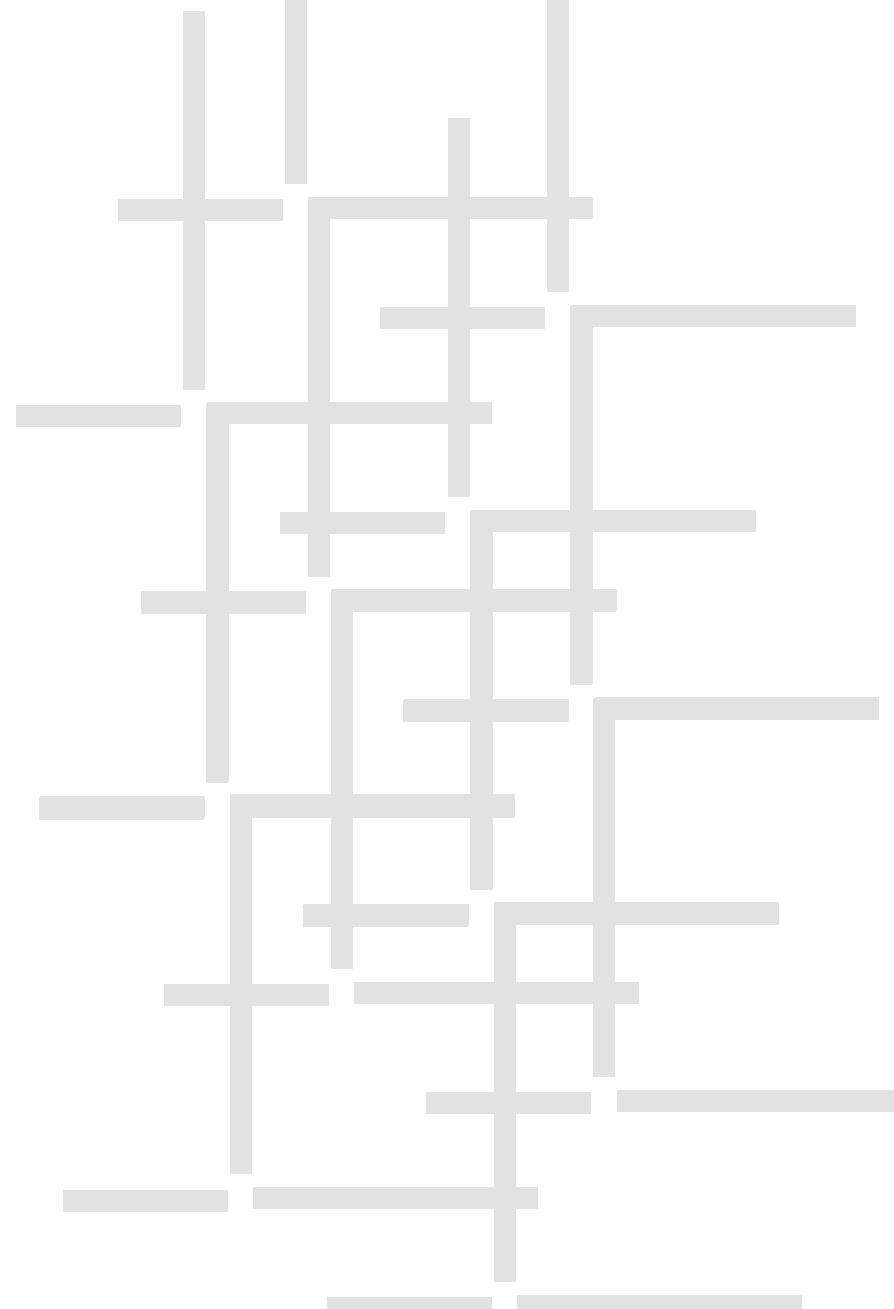
POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.



POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROSSI, P. O passado, a memória, o esquecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

RUSKIN, J. A lâmpada da memória. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional